

PERFORMATIVIDADE E CORPOREIDADE NAS REDES SOCIAIS: ESCREVENDO GÊNEROS E SEXUALIDADES NÃO-HEGEMÔNICAS NAS REDES SOCIAIS

Carla de Abreu

carlaluzia@gmail.com

Facultad de Bellas Artes - Universidad de Barcelona

ISSN 2316-6479

Resumo

Este artigo é parte de uma investigação em curso sobre a construção de identidades não-heteronormativas nas redes sociais na internet. Para desenvolver o projeto foi construída uma rede na web 2.0 em que a apresentação dos corpos, as estratégias, as eleições usadas e o entrelaçamento de corpos e identidades, tornam-se centrais para ser e estar na rede. A intenção é analisar como as práticas corporizadas da identidade de gênero estão interligadas com as tecnologias digitais.

Palavras-chave: redes sociais, identidades digitais não-heteronormativas, corpos digitais

Abstract

This work is part of an ongoing research about the construction of non-heteronormative identities on social networks on the internet. To develop the project was built a network on the web 2.0 where the presentation of the bodies, the strategies used, the elections and the intertwining of bodies and identities, become central to be and be on the network. The intention is to analyze how embodied practices of gender identity are intertwined with digital technologies.

Keywords: social networks, non-heteronormative digital identities, digital bodies

Conectando

Este artigo expõe parte de uma investigação em curso sobre a construção e o devir de identidades não-heteronormativas nas redes sociais da web 2.0. Os dados são pensados desde uma rede criada para o desenvolvimento do projeto, em que os intercâmbios e a apresentação de si dos perfis das identidades digitais têm papel preponderante para a análise dos dados, pois, são nestes espaços de mediações e intercâmbios, que elementos especialmente significativos surgem para o estudo de como certas identidades constroem seus corpos para ´performar` a identidade pessoal, a sexualidade e o gênero, estabelecendo estratégias que, muitas vezes, subvertem as normas da inteligibilidade heteronormativa.

Como dificilmente se pode pensar este tema sem ter em conta o corpo, referência marcante para as formas de expressão e onde frequentemente se inscrevem e se materializam os discursos hegemônicos, as eleições das identidades digitais será o tema que pretendo expor neste artigo, com a finalidade de

refletir sobre os significados dos 'digicorpos' e sua materialidade, e como o cultural manipula e reescreve a história dos gêneros inscritos no sistema de diferenciação sexual (BUTLER, 2007), enfatizando as ações dos sujeitos que rejeitam os pressupostos da heteronormatividade, em que o performativo é a base para a auto representação e, as ferramentas tecnológicas, o que torna isto possível.

Como suporte metodológico utilizo a netnografia (KOZINETS, 2010) e o conceito de bricolagem, desde as contribuições de Joe Kincheloe (2007). A intenção em usar esta mescla metodológica foi buscar estratégias mais híbridas para trabalhar em meio à instabilidade e a fragmentação, em virtude da velocidade como se movem, desaparecem, se transformam e se transfiguram os dados nas redes digitais.

Para desenvolver a investigação decidi por não centrar-me em uma comunidade ou em um grupo específico e optei por criar uma rede multi-situada, ou seja, uma rede de redes, em diferentes espaços da Web 2.0. A rede leva o nome de "Desobedientes" e é formada por um website principal, e perfis no Facebook, Twitter, Tumblr, Google+ e um canal no Youtube. A ideia central foi elaborar uma identidade mediante as mesmas práticas e dispositivos tecnológicos usados pelas pessoas que me propus estudar.

Os métodos de observação e interação se dão através de várias ferramentas que são experimentadas de acordo com o contexto, por exemplo, entrevistas *online* (via vídeo-chat, chat de texto ou serviços de mensagerias), eventos *online* (ferramenta que permite reunir em tempo real um grupo de pessoas para discutir temas específicos), conversas e interações em tempo real ou não, entre outras. Essas ferramentas não têm uma ordem específica para entrar no palco ou métodos pontuais, inclusive, podem ser usadas de formas conjugadas ou mescladas.

As questões éticas da investigação são trabalhadas conforme recomendações da Association of Internet Researchers (AoIR)¹, que sugere atuar desde uma perspectiva contextual, ou seja, não há receitas, mas sim diretrizes que respeitam e são sensíveis ao contexto, pois ambiguidade, incertezas e desencontros são inevitáveis às investigações realizadas desde os ambientes da internet. Para estar em campo, optei por deixar pública minha própria identidade e fornecer informações sobre os objetivos do projeto de forma clara e precisa, para estabelecer uma relação de honestidade e confiança com os sujeitos da pesquisa. Desta forma, os e as usuárias da rede "Desobedientes" são conscientes que participam de um projeto de investigação e, também, de minhas intenções com o projeto.

Durante os processos de investigação fui questionada algumas vezes sobre minha opção de não trabalhar em espaços alternativos que têm maior potencialidade de gerar incorporações não-normativas, onde as pessoas podem explorar

1 Mais informações em: <http://aoir.org/>.

melhor a mobilidade e as características de uma identidade não fixa, como as comunidades de contato voltadas exclusivamente ao público homossexual. Sem dúvida, investigações desde o âmbito destes espaços resultam muito atraentes, no entanto, a intenção em este momento é estudar as práticas de subjetividade usadas por pessoas não-heteronormativas em ambientes cuja estrutura não foi pensada para o público estritamente LGBTTTQI², mas, mesmo assim, são usados intensamente por estas pessoas.

As redes sociais reproduzem a carga simbólica da estrutura heteronormativa, como os comportamentos, as condutas e os valores, inclusive, algumas vezes, os reforçam, estereotipando identidades e corpos de acordo com as premissas e fantasias heterossexuais. No entanto, é importante lembrar que também contribuem para desestabilizar estas relações ao disseminar outras formas de articulações para pensar identidades e corpos. Neste sentido, meu interesse na investigação é perceber as práticas de subjetividade usada pela multidude³ não-heteronormativa para visibilizar e materializar suas preferências de gênero e de sexualidade mediadas pelos artefatos tecnológicos.

Identidades e corpos plurais nas redes sociais

Eu recuso o conceito do corpo belo, que existe apenas um tipo de corpo aceitável. Mutações veem em muitas formas ...”
(Del Lagrace Volcano)⁴

No início da década de 90, quando se intensificou o interesse acadêmico sobre os comportamentos das pessoas na internet, muitos e muitas investigadoras se mostraram empolgadas com as possibilidades de identidades descorporizadas e livres para experimentar jogos de identidade no contexto *online*. Inicialmente, autores clássicos como Reid (1991), Rheingold (1991), Stone (1992) e Turkle (1997), se apoiaram nessas premissas, enfatizando a existência de um “eu” livre do corpo físico, alforriado dos entraves do “mundo real”. O anonimato, neste momento, era entendido como a chave para a liberdade na internet e a

2 LGBTTTQI – lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, intersexuais, queers e intersexuais.

3 Pela difícil correspondência ao português, optei por não traduzir a palavra “multitud”. Embora diversas vezes traduzida como “multidão”, acredito que esta palavra não alcança a intencionalidade que desejo empregar. Nesta investigação, ‘multitude’ é pensada desde as contribuições de Michael Hardt e Antonio Negri (2004) que refletem o conceito em contraposição ao sentido de multidão, ou seja, um conglomerado de pessoas que ocupam fisicamente um espaço público. Multitude, para os autores, é um término que parte da ideia de multiplicidade, uma grande quantidade de pessoas que convivem em suas diferenciações e singularidades e acabam por formar outras matrizes sociais, assim, “a carne elementar da multidude é desesperadoramente fugidia, pois não pode ser inteiramente enfeixada nos órgãos hierárquicos de um corpo político.” (HARDT e NEGRI, 2004, p.251)

4 Tradução minha de “I refuse the concept of the body beautiful, that there is only one acceptable body type. Mutations come in many forms. . .”, Frase retirada da “fan page” de Del Lagrace Volcano, transhomem, fotógrafo e performer, em Facebook.

ponte para que as pessoas pudessem “flutuar” na rede sem nenhuma conexão com o mundo presencial.

Hoje, percebidas as limitações e as restrições dos ambientes digitais, o anonimato já não é o ponto principal das discussões acadêmicas. Passamos a pensar em outros temas como o impacto e a influência das ferramentas tecnológicas na vida das pessoas e sua relevância nas práticas cotidianas.

Minha posição na investigação, apesar de negar a ideia que a ausência do corpo faz desaparecer sua materialidade, está de acordo com os pressupostos teóricos que enfatizam as potencialidades das tecnologias para a experimentação de outras práticas de subjetividade, onde os sujeitos podem criar identidades com configurações mais abertas e explorar aspectos de si, como o gênero e a sexualidade, que lhes ajudem a entender e conhecer melhor os limites entre o “eu” e o mundo.

No entanto, apesar de ampliar a visibilidade de outras formas de viver masculinidades e feminidades, é importante lembrar que mesmo com a possibilidade de atuar desde diferentes estratégias, a performatividade impõe limites à hora de elaborar as identidades digitais. Nesta direção, defendo a ideia que as identidades digitais não são identidades pós-corpóreas, mas identidades materializadas, que trazem as características e estereótipos procedentes de seus contextos sociais.

Penso as redes sociais como ambientes heterogêneos e complexos, no entanto, envolvidos nas tensões e paradoxos que também fazem parte da vida *offline* e dizem respeito às relações de poder, as normas sociais e às categorias impostas de gênero e de sexualidade. No entanto, minhas reflexões partem do pressuposto que as redes digitais diferem das comunidades físicas porque oferecem oportunidades adicionais para elaborar outras estratégias de performances e, assim, possuem também a potencialidade para desestabilizar as identidades nacionais ou sexuais (KUNTSMAN, 2004).

Nas redes sociais, a identidade acontece através da hibridização de elementos hipertextuais que compõem e expressam os motivos e as intenções dos sujeitos que estão atrás das telas dos artefatos tecnológicos. Nestes ambientes, o digicorpo é um signo visual, uma imagem possível de uma representação de si, um corpo totalmente modificável que pode ser destruído e reconstruído sempre que necessário.

Para construir o corpo, a identidade digital assume o papel de um descobridor; alguém que busca significados adicionais, (re)significa e (re)constrói até que esteja temporariamente satisfeito com o produto, buscando uma relevância, uma marca, um instantâneo, um fragmento, na tentativa de explorar características de sua identidade e corpo desde outros pontos de vista e, que essa representação, possa contar um pouco de si.

Apesar de existir digicorpos que se expressam através dos discursos legitimadores, evidenciando e reproduzindo o modelo do sistema 'físico', por outro lado, há uma multitude nas redes sociais que fabricam seus corpos negando o convencional, ou o hegemônico. Para estas pessoas, o digicorpo é algo cheio de potencialidades que incentiva a exploração de outros aspectos da identidade, entre eles, o gênero e a sexualidade, tornando ainda mais diluída a noção de corpo social, estável e determinado.

Segundo Giddens (1994), o corpo é resultado de um projeto da identidade pessoal que está relacionado ao consumo. Partindo desta ideia, ainda que os parâmetros usados pelas identidades digitais estejam marcados e condicionados pelos padrões culturais, atendem ao objetivo de chamar a atenção e a curiosidade, através de processos complexos de mediação, cuja finalidade última é consumir e ser consumido pela mirada de outros ou outras:

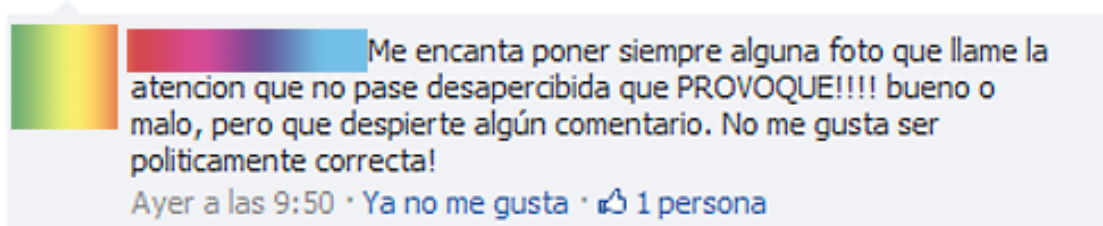
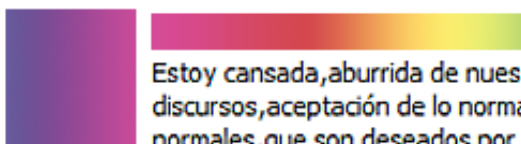


Fig.1: Depoimento na rede "Desobedientes", em 15 de janeiro de 2011.

No contexto das redes sociais, as pessoas elaboram seus corpos através da significação visual, que se diferencia das formas como interpretamos e estereotipamos os significados no mundo presencial, onde os discursos normalizam os corpos através de políticas estandardizadas de identificação que se realizam sob a forma de vigilância e controle social (FOUCAULT, 2006). Com a possibilidade de reinterpretar o corpo, as identidades digitais podem negar o convencional e redesenhá-lo não como algo predestinado, mas algo que tem a potencialidade de ser modificado e transformado por meio de práticas que vão além dos discursos que geram corpos normalizados.

Muitos e muitas da multitude LGBTTTQI, conscientes destas possibilidades, produzem corpos de natureza ambígua, corpos que propõem outras estratégias de performance, fazendo surgir novas formas de expressão que borram as fronteiras fixas dos gêneros binários. O resultado deste processo são corpos fluidos, desfocados, em movimento, entrecortados pelos muitos fragmentos da identidade, que rejeitam o convencional e praticam a ironia e a contestação para descontextualizar o programado:



Estoy cansada, aburrida de nuestras falsas promesas, intoxicada de tus discursos, aceptación de lo normal, en espacios para normales, repletos de cuerpos normales, que son deseados por gente normal, al otro lado nosotras, putas, locas, gordas, feas, maricones, intersexuales, gente subnormal tanta normalidad me repugna, aquí está mi cuerpo anormal, monstruoso, detestable para ustedes gente normal.

Fig.2: Depoimento na rede “Desobedientes”, em 8 de agosto de 2010.

Para as identidades não-heteronormativas, o digicorpo é uma caixa de Pandora com muitas possibilidades de atuação. Estas pessoas encontram nas redes sociais um espaço favorável para experimentações de práticas de subjetividade que simulam e dissimulam o corpo por meio dos dispositivos tecnológicos, buscando outras performances para codificar-se, em busca de aspetos mais atrativos ou ainda inexplorados.

As muitas formas de construir o digicorpo o transformam em uma fábrica de possibilidades que, apesar de limitado e transitório, são etiquetas reversíveis que se distanciam do corpo biológico, resultando em corpos plurais que contribuem para repensar a lógica dos processos pelos quais nos tornamos sujeitos, onde “o gosto se rompe em gêneros e o gênero se desmancha em diversidade” (depoimento na rede “Desobedientes”, em 19 de outubro de 2012).

A apresentação de si nos perfis da rede “Desobedientes”

Partindo dos pressupostos da teoria queer e dos feminismos, que afirmam que o corpo é construído por processos sociais que seguem os modelos hegemônicos e, ao mesmo tempo, também produzem corpos dissidentes, no contexto desta investigação, os signos culturalmente aceitos como a identidade pessoal, o sexo e o gênero, não se dissimulam e nem se ocultam, ao contrário, são abertamente manifestados e expostos.

A apresentação textual e visual de si, longe de ser algo simples pelos quais as pessoas se mostram “tal como são”, configuram práticas complexas que envolvem reflexão e negociação com os outros indivíduos *online*, em que se torna cada vez mais difícil falar sobre corpos e tecnologias como entidades separadas.

Os perfis são espaços onde os e as usuárias fazem pequenas descrições e, geralmente, parte destes dados, as redes sociais programam para ser pública, sobretudo a corporeidade, ou seja, a imagem que representa a pessoa que está atrás do perfil. Isto significa que as pessoas são conscientes que determinadas informações são acessíveis a qualquer um e, essa situação, faz toda diferença, porque

existe a opção de escolher representar-se de forma idealizada (boyd, 2007, p.22) ou desconstruir as noções pelas quais estruturamos os discursos sociais.

Na prática, os perfis são mini-biografias, uma ficha descritiva da identidade. Traz elementos importantes para a análise dos dados e inclui, além da imagem-corpo, a idade, escolaridade, status de relacionamento, gostos pessoais por músicas, livros e cinema, citações favoritas, onde vive, com quem convive, o que faz, entre outros. O preenchimento destes campos é opcional, com exceção do nome e, embora exista a possibilidade de criar perfis fictícios, a observação na rede “Desobedientes” indica que a maioria das identidades preenchem vários destes campos, com o claro objetivo de oferecer detalhes para seduzir ou atrair atenção e, conseguir mais audiência.

Como já foi dito, as novas práticas nas redes sociais já não supõe a elaboração de uma identidade fictícia, o contrário, quanto mais original se posicionar, mas chance de êxito terá. Ser e estar *online* agora implica mostrar-se, pois de outra forma não teria sentido e, a própria organização, as ferramentas disponíveis e as regras das redes sociais obrigam a ser minimamente “honesto/a” nas descrições, embora muitas identidades prefiram preencher os campos dos perfis de forma irônica, brincalhona ou através de subjetividades e metáforas, abrindo espaço para a negociação com o outro ou a outra.

A prática de expor-se é uma tendência atual nas redes sociais, saímos do anonimato à super visibilidade e, a ‘transparência’, parece ser a característica atual das interações nas redes sociais. Uma das razões para essa mudança de comportamento, segundo argumenta danah boyd, é que as e os usuários querem ser ‘searchables’ (2008, p.50), ou seja, querem ser encontrados e, quanto mais detalhes oferecer, mais fácil será para que outros possam te localizar, deste modo, passar por despercebido nas redes sociais é o primeiro passo para o fracasso na gestão da identidade *online*.

Cada rede social propõe modos distintos para construir a descrição de si que enfatizam alguns elementos para a caracterização da identidade *online*. Essa descrição não expressa apenas a corporização do sujeito, mas também o seu repertório cultural. Traz um pouco de seu mundo material, atravessado por muitos discursos e construções sociais, no entanto, surgem também outros elementos que aparecem através de outras articulações, pois, nas redes sociais as práticas usadas, ao contrário do mundo físico, oferece a possibilidade de gerir como quero que os outros ou outras me vejam e me percebam.

Minhas observações desde a rede dos Desobedientes indicam que, em geral, as identidades digitais não-heteronormativas constroem seus perfis para mostrar-se e demarcar territórios, fazer intercâmbios de percepções, expor gos-

tos, informações, preferências e fragmentos de seus cotidianos. A identidade *online* é como se fosse uma prolongação da própria identidade, uma extensão dos muitos elementos que estruturam a vida, mas com mais possibilidades de ação, audiência, trânsitos e novos processos de subjetivação sobre a própria identidade, que reforçam a ideia das redes sociais como espaços plurais e ambientes privilegiados para o público LGBTTTQI.



Sexualidades Desobedientes Hablando de posibilidades de explorar otros aspectos de las identidades y de etiquetas. ¿Creen que el internet es un facilitador o un simulador de identidades?
Hace una hora aproximadamente. · Me gusta · 1 persona

ya estamos en una epoca en la que las identidades son polifonicas y camaleonicas, y cada vez mas complejas, pero tambien mas ricas. En una sola persona puede haber muchas identidades, por ejemplo berlusconi, ese gran hombre ke por el dia defiende la familia tradicional y por las noches es un putero. vaya ejemplo ke te acabo de poner...

Hace una hora aproximadamente. · Me gusta · 1 persona · Denunciar

Pues yo pienso, que la Identidad de cualquier persona es unipersonal y si por Internet quiere parecer o falsear su vida, sabrá porque lo hace. La persona que se sabe, que se conoce, no tiene porqué ocultarse, simplemente sino quiere hablar de algo, que no lo haga. La persona que quiera falsear, lo hará, se etiquetará y se equivocará así misma.

Hace una hora aproximadamente. · Me gusta · 1 persona · Denunciar

quilla vaya ejemplo....jajajajajaja

Hace una hora aproximadamente. · Me gusta · Denunciar

Es facil ocultar tu identidad en internet... pero no tu personalidad

Hace una hora aproximadamente. · Me gusta · Denunciar

No se trata de ocultar, creo que se trata de personalidad y de ser.

Hace una hora aproximadamente. · Me gusta · Denunciar

Fig.3: Depoimento na rede “Desobedientes”, em 10 de novembro de 2012.

Em relação aos digicorpos, a maioria dos sujeitos que conversei na rede “Desobedientes” disse que quando visita um outro perfil, a primeira coisa que observam é a imagem corporal do individuo e, admitiram que essa primeira im-

pressão influencia suas decisões de contato ou intercâmbios. Abaixo um pequeno fragmento de uma dessas conversações:



Fig.4: Depoimentos na rede "Desobedientes", em 22 de dezembro de 2012.

Também disseram que as imagens que representam seus próprios perfis não são autônomas do que são, em outras palavras, não existem esferas separadas, mas sim contextos justapostos, interligados entre si. Conforme vai adquirindo habilidades para tornar-se hipertextual, a identidade *online* também vai aprimorando suas estratégias de performance, para que seu perfil torne-se cada vez mais atraente para o prazer e consumo de outras miradas.

Os e as usuárias da rede "Desobedientes" demonstram a importância da centralidade do corpo nas relações *online*, em direção contrária aos teóricos e teóricas que defendem a ideia de que a internet é um território seguro para jogos identitários, onde cada um pode ser o que desejar, livres das relações hierarquizadas de poder. Outros autores e autoras, com as quais dialogo, como van Zoonen (2002), Sundén (2003), Nyboe (2004), Zafra (2005, 2008) e boyd (2008, 2010) caminham em direção contrária e argumentam que as práticas performativas estão limitadas pelos repertórios culturais e contextuais.

Neste sentido, como no mundo "analógico", as performances de gêneros na rede "Desobedientes" podem ou não corresponder à sexualidade do sujeito, podem ou não seguir enlaçados aos papéis estereotipados de sexo e gênero, podem construir-se desde uma perspectiva mais essencialista ou assumir estratégias mais performativas que resistem aos modelos hegemônicos oferecendo,

assim, a oportunidade de questionar o que somos não como algo acabado, mas como processos abertos, nos quais podemos interferir (ZAFRA, 2008, p. 145).

Na mesma direção, o pantofismo do biopoder, referenciado por Michel Foucault, também segue ativo nas redes sociais. A vigilância e o controle são utilizados como instrumentos de regulação social, na tentativa de definir o que pode ou não ser mostrado na web 2.0. O jogo se estabelece por meio das escolhas que fazemos em nossos trânsitos pelas redes digitais que nos desnudam perante as/os demais e, em troca de conhecer um pouco da intimidade do outro ou outra, forneço pedaços da minha. O ver e deixar ser visto supõe o que pode ou não ser visto. De forma indireta ou direta, isso produz controle e o olhar panóptico se materializa nas redes sociais, através do olhar sempre presente de seus integrantes.

De qualquer forma, como disse Foucault (2005), onde há poder, sempre haverá resistência.

As “desobediências” desta multidão nas redes sociais se dá por meio da “performatividade textual” (SUNDÉN, 2003, p. 53-55) que é capaz de desestabilizar o papel do corpo material. Isto significa que para interpretar o digicorpo adoto uma compreensão discursiva da subjetividade, pensada desde as contribuições de Butler (2007), em que a performatividade assume como inteligível os gêneros que se adequam à matriz da heteronormatividade e, como dissidentes, aqueles que não se ajustam a tais regras. No mundo digital, tal qual no mundo material, a inteligibilidade também opera através de um sistema de normas, no entanto, existem muito mais opções e ferramentas para subverter o que foi pré-determinado.

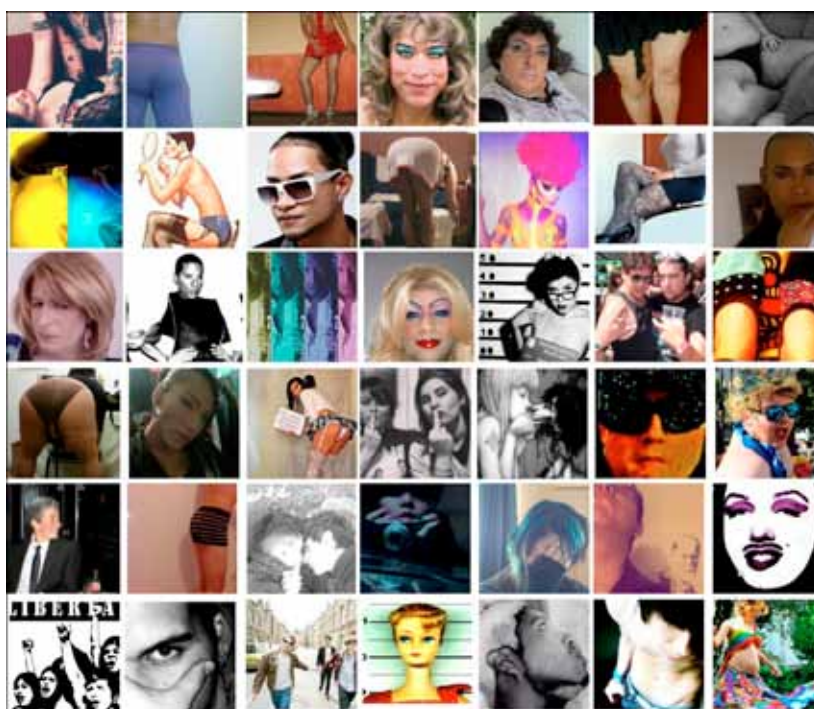


Fig.5: Digicorpos da rede “Desobedientes”.

É fato que muitas pessoas não-heteronormativas constroem seus corpos usando características estandardizadas, evitando qualquer outra significação ou alusão ao seu gênero dissidente. No entanto, há uma multitude nas redes sociais que escapa do estatismo, da imutabilidade e geram corpos plurais, que rompem com os estereótipos de sexo e gênero definido pela heteronormatividade, produzindo conformações alternativas e mais complexas se comparados ao mundo “*offline*”.

Desconectando...

Minha posição nesta investigação não considera gênero e sexualidade como conceitos estáticos ou sempre estabelecidos pelas mesmas subjetividades. Neste projeto, os gêneros e as sexualidades são conceituados como algo em movimento e em processos contínuos de transformações. Este posicionamento me ajuda a pensar na diversidade de identidades que proliferam na internet, um contexto instável, fragmentado e altamente dinâmico, onde é impossível pensar em configurações fechadas que sempre mantêm os mesmos significados ou funções.

Penso os ambientes digitais como espaços onde se inscrevem a carga simbólica da estrutura heteronormativa, que reproduzem comportamentos, condutas e valores também na web. No entanto, por outro lado, existe uma multitude que opta por deixar visível a heterogeneidade, nas muitas maneiras que as pessoas encontram para estar no mundo.

Da mesma maneira, adoto que os digicorpos e as relações que são estabelecidas nas redes sociais não constituem processos de descorporização da identidade, ao contrário, o corpo é a matéria fundamental para que os trânsitos e os intercâmbios possam se realizar, com a diferença que o digicorpo é gerenciável, reconfigurável, é um corpo híbrido na medida em que transforma e preenche as aberturas de sua própria materialidade, que não busca a essencialidade do corpo, mas que se abre a um espaço de possibilidades que evidencia aquilo que acontece nos contextos do diferente e do diverso.

Estas identidades e corpos mediados criam a possibilidade de circulação de novos sentidos e novas visualidades que rompem com os estereótipos fixos de gênero e sexualidade. Nas redes sociais, identidades, corpos, práticas, performances e tecnologias formam realidades mescladas, onde o corpo é a ponte que cumpre o papel de mediador de subjetividades. Neste contexto híbrido, identidades, corpos e tecnologias não são categorias unitárias, mas espaços de multiplicidade e experimentações que favorecem a construção de identidades transitórias, fluidas e interconectadas.

Referências:

boyd, danah ; ELLISON, N. B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*. Susan Herring (ed), vol. 13, n. 1, article 11, October 2007.

boyd, danah. *Taken Out of Context: American Teen Sociality in Networked Publics*. PhD Dissertation. University of California-Berkeley, School of Information, 2008. Disponível em: www.danah.org/papers/TakenOutOfContext.pdf. Acesso em: Junho/2011.

_____. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. In: *Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites*. Zizi Papacharissi (ed.), New York: Routledge, 2011, pp. 39-58.

BUTLER, J. *El Género en disputa. El feminismo y la subversión de la identidad*. Traducción de Maria Antonia Muñoz. Barcelona: Paidós Ibérica, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 21.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

_____. *Historia de la sexualidad. La voluntad de saber*. Traducción de Ulises Guiñazú. España: Siglo XXI, 2006.

GIDDENS, Anthony. *Modernidad e Identidad del yo. El yo y la sociedad en la época contemporánea*. Traducción de José Luis Gil Aristu. Barcelona: Península, 1994.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2004.

KINCHELOE, Joe L. O poder da bricolagem: ampliando os métodos de pesquisa. In: KINCHELOE, J. ; BERRY K. S. *Pesquisa em Educação. Conceituando a bricolagem*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 15-38.

KOZINETS, Robert. *Netnography: doing Ethnographic Research Online*. London: SAGE, 2010.

KUNTSMAN, Adi. Cyberethnography as home-work. *Anthropology Matters Journal*, North America: vol. 6, n. 2, p. 1- 10, November, 2009. Disponível em: http://www.anthropologymatters.com/index.php?journal=anth_matters&page=article&op=view&path%5B%5D=97&path%5B%5D=190. Acesso em dez./2012.

NYBOE, Lotte. You said I was not a man: Performing Gender and Sexuality on the Internet. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*. London: Sage Publications, vol. 10, n.2, p. 62-80, June 2004.

REID, Elizabeth M. *Electropolis: Communication and Community on Internet Relay Chat*. Master's Thesis, Department of History, University of Melbourne, Melbourne, Australia, 1991.

RHEINGOLD, Howard. *Virtual Reality*. New York: Summit Books, 1991.

STONE, Allucquère Rosanne (Sandy). Will the Real Body Please Stand Up? In: BENEDIKT, M. (ed.) *Cyberspace: First Steps*, Cambridge: MIT Press, 1991, p. 81-118.

SUNDÉN, Jenny. *Material Virtualities: Approaching Online Textual Embodiment*. New York: Peter Lang, 2003.

TURKLE, Sherry. *La vida en la pantalla. La construcción de la identidad en la era de internet*. Tradução de Laura Trafí. Barcelona: Paidós Ibérica, 1997.

van ZONEN, Liesbet. Gendering the Internet. Claims, Controversies and Cultures. *European Journal of Communication*. Vol 17, n.1, p. 5-23, March 2002.

WHITTLE, Stephen. The trans-Cyberian Mail Way. In: HOLLIDAY, Ruth ; HASSARD, John (eds). *Contested Bodies*. London: Routledge, 2001, p. 153-167.

ZAFRA, R. *Netianas. N(h)acer mujer en Internet*. Ediciones Lengua de Trapo, Madrid: Colección Desórdenes, 2005.

_____. *Conectar-hacer-deshacer (los cuerpos)*. *Revista Zehar*. España: Arteleku (eds), nº 64, p. 138-145, 2008.

ZHAO, Shanyang. The internet and the transformation of the reality of everyday life: Towards a new analytic stance in sociology. *Sociological Inquiry*. University of Southern California, CA. Vol. 76, n. 4, p. 458-474, November 2006.

Minicurrículo

Carla Abreu é estudante de doutorado no programa 'Artes y Educación', Facultad de Bellas Artes, Universidad de Barcelona. Mestre em 'Artes Visuales y Educación: un enfoque constructorista', pela mesma Universidade. Licenciada em 'Artes Visuais' pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente atua como professora substituta na Faculdade de Artes Visuais, UFG.